

“A EDUCAÇÃO QUE TEMOS E  
A EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS

DA EDUCAÇÃO BÁSICA  
À PESQUISA ACADÊMICA”



DIAS 28, 29 E 30 DE SETEMBRO

XV JORNADA ACADEMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

## O QUE PODE UM CORPO PESQUISADOR EM EDUCAÇÃO?

Letícia Aline Back  
Universidade de Santa Cruz do Sul  
Betina Hillesheim  
Universidade de Santa Cruz do Sul

### Eixo 2: Educação, Cultura e Produção de Sujeitos

Este trabalho tem por objetivo apresentar parte das discussões produzidas no decorrer da construção da pesquisa que embasou a dissertação *Os (des)encontros da tríade: processos migratórios, trabalho e cidade* (BACK, 2019). Nas andanças metodológicas o corpo desenhou-se como encontro e indissociabilidade entre a pesquisadora, o campo, os migrantes e a cidade.

Dessa perspectiva surge a questão lançada: O que pode um corpo em pesquisa? Cabe alertar que, ao apontar para um corpo não o tomamos enquanto unidade; singular; único. Ou seja, não se trata *do* corpo. Mas *um* corpo, marcado pelo artigo indefinido: qualquer, múltiplo, composto e dissonante. Um corpo em pesquisa: pesquisadora e campo difusos-confusos-sobrepostos. “Um corpo povoado de multiplicidades” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 57). Um corpo-migrante-pesquisadora.

Desse modo, a proposta é construir uma discussão que desliza pela experiência da pesquisadora e os efeitos em pesquisa. Assim, marcamos que fazer pesquisa “é performar certos mundos, é delinear fronteiras, fazer movê-las, alargá-las e problematizá-las” (MORAES, 2014, p. 132).

Um corpo-migrante-pesquisadora construiu-se território existencial. Nesta construção, foi interpelado por diferentes pontos: estilístico, histórico, funcional, afetivo (GUATTARI, 2012). Parte da relação com o campo deu-se no município de Lajeado, distante 61km de Santa Cruz do Sul, acompanhando migrantes em seus trajetos pela cidade. Andanças migrantes.

Nos percursos investigativos houve alguns tensionamentos: a língua como barreira e proteção; o acesso às diferentes políticas públicas; o trabalho e a cidade. Em todos, um corpo-migrante-pesquisadora.

O corpo a corpo com o campo da pesquisa comporta sempre uma dose de imprevisibilidade e mesmo de aventura. Habitar um território de pesquisa não é apenas buscar soluções para problemas prévios, mas envolve disponibilidade e abertura para o encontro com o inesperado[...] (PASSOS, et al, 2015, p. 204).

Na abertura ao campo, as interpelações:

“Me chama e diz que eu serei sua assistente. Damos risada. Computador não estava querendo funcionar. Desligamos e ligamos de novo. Pronto! Chama o casal para a sala e diz: Hoje a *brasileira* vai atender! Risadas novamente. Me apresento, digo que, talvez, terão que me ajudar, pois era meu primeiro atendimento. Também se apresentam. Casados há três meses. Ele, senegalês, e ela, brasileira, natural do Paraná. Estavam fazendo os encaminhamentos para a solicitação de visto definitivo. Ela me fala que conhece pouco a cidade, que se mudou mesmo a pouco menos de um mês e que está gostando de Lajeado; Ele, mais tímido, me conta que chegou ao Brasil em 2014, entrando no país pelo aeroporto de São Paulo. Entre documentos e assinaturas, digo que também não sou de Lajeado. Ainda, durante a conversa, brinco que já estou com fome e ela ri perguntando se já provei a comida senegalesa. Digo que não e ela diz: “Menina!! É muita cebola e pimenta! E eu não gostava de cebola, agora estou me acostumando! Mas ele faz uma carne muito boa!” Brinco que adoro cebola, qualquer coisa me *salvaria* nela.

Ao nos despedirmos, nos agradecem e se oferecem para pagar.

- Não, aqui é a assistência social. Aqui não se paga nada!

Desejo boa sorte com os encaminhamentos. Eles sorriem e agradecem novamente. Ainda, brincam no final: ‘Então, vamos fazer um almoço haitiano e senegalês para a *brasileira!*’. (Diário de campo, 04 de agosto de 2018).

Corpo-migrante-pesquisadora agenciam-se ao campo de pesquisa. Agenciamento que ocorre no movimento de ida ao campo, que só se efetiva na implicação do corpo da pesquisadora (SOUZA, 2012), borrando as fronteiras entre corpo e campo. “Agenciar acaba por consistir no ato de renúncia ao já sabido e de entrega ao estranhamento em si” (ibidem, p.31). A pesquisadora ocupando o lugar do não saber: "talvez precise de ajuda". Uma estrangeira nas relações senegalesas,

haitianas, brasileiras que compuseram aquela sala de atendimento do Centro de Referência em Assistência Social.

Desse modo, os agenciamentos produzidos consideraram e deram lugar aos corpos, atentando para a materialidade destes frente às diferentes relações.

Essa corporeidade tem duas características: de um lado [...] agindo à maneira de acontecimentos; de outro lado, é inseparável de qualidades expressivas ou intensivas, suscetíveis de mais ou de menos, produzidas como afectos variáveis (resistência, dureza, peso, cor...) (DELEUZE, GUATTARI, 2012b, p. 95).

Nas andanças produzidas em pesquisa, os corpos-migrantes tensionam e se sobrepõem ao corpo-pesquisadora e a cidade. No jogo das relações, irrompem, torcem, na medida em que carregam no corpo outras espacialidades (BACK, 2019), produzindo outros modos de trânsito, “onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo [...]” (FOUCAULT, 2013, p. 14).

O corpo-pesquisadora também tensiona. Andar pela cidade acompanhando trajetos migrantes evidenciou os privilégios que compunham o corpo desta pesquisadora: uma mulher branca, loira e de olhos claros. Por vezes, fez doer, desacomodar, incomodar. Um incômodo necessário para a produção de uma pesquisa que se propôs a compor *com* os migrantes e não *sobre* eles.

A cartografia, nesse sentido, traça um campo problemático, atenta ao presente vivo da pesquisa (cf. PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015). Acompanhando as andanças, a pesquisadora também transforma-se em cartógrafa, colocando os olhos e corpo no espaço não-cultivado das importâncias culturais e sociais, perguntando pelo mais improvável, produzindo um desenho dos *desdesenhos* sociais (BEDIN, 2014).

Assim, apontamos, portanto, para um corpo-migrante-pesquisadora e cartógrafa, afirmando para *um* corpo que experimenta, movimenta e é atravessado pela pesquisa. Compondo um campo comum com os migrantes. Um comum não enquanto ponto de origem, mas como devir. Uma linha de devir, que se dá no *entre*, crescendo pelo meio, compondo-se enquanto velocidade e movimento (cf. DELEUZE, GUATTARI, 2012a).

A partir dessa perspectiva, se materializa a indissociabilidade entre pesquisar e intervir. Afirmando, desse modo, a cartografia enquanto processo metodológico que se constrói no fazer. Nas andanças em pesquisa o corpo em ato intervém, produz outras espacialidades, onde o processo de produção ocorre a partir de um plano de experiências, “acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisado e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação” (PASSOS, BARROS, 2015, p. 18).

Nas andanças migrantes todos e todas produziram-se também pesquisadores e pesquisadoras. Produziram o território existencial da pesquisa, onde os corpos fizeram-se autoria (BEDIN, 2014), compondo trajetos investigativos a partir do encontros: um corpo-migrante-pesquisadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisar; Cartografia; Migrações; Corpo; Educação.

## REFERÊNCIAS

BACK, L. A. **Os (des)encontros da tríade:** processos migratórios, trabalho e cidade. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Santa Cruz do Sul, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11624/2444>. Acesso em: 15 ago 2023.

BEDIN, L. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. In: **Revista Digital do LAV** Vol.7, mai/ago 2014, p. 66-77. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111> Acesso em: 12 dez 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia Vol.1. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 4. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 5. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias.** São Paulo: N-1 edições, 2013.

GUATTARI, F. **Caosmose:** um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2ª ed, 2012.

MORAES, M. Do “pesquisarCOM” ou de tecer e destecer fronteiras. In: BERNARDES, A. G. et al (orgs). **Cartas para pensar:** políticas de pesquisa em psicologia. Vitória: EDUFES, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/1630> Acesso em: 26 out 2018.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. (Orgs). **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. Sobre a formação do cartógrafo e o problema das políticas cognitivas. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. (Orgs). **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SOUZA, P. Agenciar. 2012. In: FONSECA, T. M. et al (orgs). **Pesquisar na diferença:** um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.